

Uma mochila, uma vida: refugiados ucranianos em minha casa

Cada refugiado precisa de uma mão para o salvar. Há milhares deles, mas há também inúmeras mãos prontas a acolhê-los. Esta é a história de Olga e Olga, que, com os seus filhos, encontraram alojamento em Hohewand, um centro de formação cristã na Áustria.

18/03/2022

“Quando o município nos telefonou para perguntar se estaríamos dispostos a acolher duas famílias ucranianas, não hesitamos um segundo”, diz Blanca Vives, diretora do Centro de Actividades Hohewand em Dreistetten (Áustria). Esta residência é utilizada principalmente para acolher atividades de formação espiritual e cristã promovidas por membros do Opus Dei.

Olga e Olga, duas mães ucranianas com os seus filhos, chegariam dentro de poucas horas. “Trouxeram uma mochila e as suas vidas, nada mais. As crianças ficaram imediatamente penduradas no nosso pescoço: estavam felizes”, diz Blanca. “Estavam também esgotados. Muito, muito cansados. E, ao mesmo tempo, aliviados e muito agradecidos”.

As duas mães são amigas e os seus filhos chamam-se Anja (16 anos), Timaeus (11 anos) e Sascha (11 anos).

As suas casas encontram-se em Saporischja, uma cidade de 760.000 habitantes a 200 quilômetros da cidade portuária sitiada de Mariupol e a 1.800 quilômetros de Viena, Áustria. Há uma semana, a central nuclear da sua cidade incendiou-se. Os seus maridos ficaram para trás para lutar enquanto percorriam a Polônia e a Eslováquia até à Áustria. Ainda contam pouco: “Devem ter sofrido muito, especialmente deixando para trás os seus maridos. Mas no primeiro dia, já nos perguntaram como nos poderiam ajudar”, explica Blanca Vives. “E ensinaram-nos a nossa primeira palavra em ucraniano. Simyie”, que significa “família”.

Menos bagagem, mais vida

Olga, a sua amiga Olga e os três filhos chegaram, cada um com uma mochila pequena, não lhes foi permitido levar mais. Quanto menos

bagagem houver no trem, mais pessoas podem ser transportadas, foi-lhes dito. A vida é ainda mais importante do que a bagagem”, diz Silvia Pichler.

A vontade de ajudar na aldeia foi imediatamente perceptível. Até Sandra, mãe de três filhos, ofereceu imediatamente a sua casa: “Agora vamos brincar com as duas crianças ucranianas de 11 anos. Talvez possamos ajudar as crianças a experimentar um pouco de normalidade durante algum tempo, apenas para voltarem a ser crianças”, explica ela. Outro amigo da aldeia traz roupa para Anja de 16 anos: “É natural que nós ajudemos”, diz Adelheid.

No centro de conferências Hohewand, onde os membros do Opus Dei organizam atividades de formação espiritual e educativas, têm

experiência de ajuda humanitária. “Já ajudamos famílias sírias durante a crise dos refugiados em 2015”, explica Silvia. O contato surgiu através da associação AMAL em Viena. O seu presidente, Gordian Gudenus é membro do Opus Dei e está agora cuidando de uma família ucraniano-síria que aterrrou num campo de refugiados no Sul da Áustria e que ainda tem de ultrapassar barreiras burocráticas.

“O pai é sírio, a mãe é ucraniana. Não se pode imaginar o que significa ter de fugir duas vezes de uma zona de guerra”, diz Gordian. Desde 2016, a associação AMAL já ajudou mais de 700 refugiados do Oriente Médio em Viena e na Baixa Áustria. “Vamos tentar contribuir com os nossos conhecimentos para esta nova crise”, diz Gudenus. Neste vídeo pode-se ver a atividade da associação AMAL.

E qual é o próximo passo para as duas famílias ucranianas que chegaram a Hohewand? “Esperemos que em breve as crianças possam ir à escola. Anja já disse que quer mesmo ir para a escola de música”, diz Silvia. Olga perguntou quanto tempo podem ficar aqui. “Eles estão preocupados. Dissemos-lhes que podem ficar um dia, um mês, um ano... o tempo que precisarem, porque o mais importante é que estejam bem”.

Ver também: [Canções de ninar na fronteira com a Ucrânia](#)

uma-vida-refugiados-ucranianos-em-
minha-casa/ (15/01/2026)